



Universidade  
Estadual de Goiás



## “ÁGUA DE BARRELA”: protagonismo feminino e resistência na literatura brasileira<sup>1</sup>

LILIANE VIANA MACHADO<sup>2</sup> (UEG)  
ÉMILE CARDOSO ANDRADE<sup>3</sup> (UEG)

**Resumo:** O texto analisa o romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, que se propõe a examinar as raízes do patriarcado e do racismo no Brasil, destacando sua influência na sociedade contemporânea, especialmente na subjugação das mulheres negras. Fundamenta-se nas obras de Gonzales (2020), Evaristo (2014), Carneiro (2020) e Nascimento (2021), que oferecem um embasamento teórico robusto sobre essas temáticas. O artigo também se debruça sobre o protagonismo feminino na obra de Eliana Alves Cruz, ressaltando a resistência e a luta pela emancipação das mulheres negras, que são apresentadas como figuras centrais na narrativa. A pesquisa evidencia a importância da educação e do trabalho na emancipação feminina, abordando tanto os avanços conquistados ao longo do tempo quanto os desafios persistentes que essas mulheres enfrentam em sua trajetória. Além disso, o texto destaca a relevância da solidariedade entre mulheres na busca por direitos e reconhecimento, sublinhando o papel vital das escritoras negras na promoção da diversidade na literatura brasileira. Ao concluir, reafirma a importância do protagonismo feminino em contextos literários e sociais. Cruz (2018), ao trazer para o centro da narrativa as experiências, histórias e vozes das mulheres negras, fortalece a desconstrução de estereótipos, contribuindo para a reconfiguração do imaginário social. A pesquisa revela que essas autoras desempenham um papel crucial na ampliação do acervo literário, introduzindo perspectivas que foram sistematicamente marginalizadas ou sub-representadas ao longo da história.

**Palavras-chave:** Patriarcado. Racismo. Mulheres negras. Emancipação. Literatura.

### INTRODUÇÃO

As raízes do Patriarcado e do racismo no Brasil são profundas e ainda permanecem pulsando e promovendo a inferioridade feminina. Como salienta Gonzales (1988), "[a] gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora". Tornar-se negra é uma jornada de luta pela construção de uma identidade embasada na resistência, um processo detalhado pela autora como um processo de construção identitária.

<sup>1</sup> Texto elaborado como produto final de pesquisa da Iniciação Científica vinculado ao projeto “Entre hibridações e rupturas: Literatura, imagem e interculturalidade”, sob coordenação da Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade, do departamento de Letras, da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Goiás- UEG. Estudante do curso de Letras. E-mail: [lilianevvmachado@gmail.com](mailto:lilianevvmachado@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora doutora do Curso de Letras Português/ Inglês da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). E-mail: [emilecardoso@ueg.br](mailto:emilecardoso@ueg.br)



Dessa forma, esta pesquisa visa trazer a voz de pesquisadoras como Gonzales (2020), Evaristo (2014), Carneiro (2020) e Nascimento (2021) como referencial teórico para analisar o protagonismo feminino no romance "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz.

## **TECENDO VOZES: RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE NO ROMANCE ÁGUA DE BARRELA**

Na obra de Cruz (2018), é crucial registrar o protagonismo feminino não apenas definido pela autora, mas também em relação às personagens descritas no romance. O romance provoca inquietações nas leitoras ao depararem-se com tantas páginas que descrevem acontecimentos reais, suscitando reflexões sobre a opressão feminina, misoginia, direito à liberdade, busca pelos conhecimentos ancestrais, resgate da identidade e representatividade de uma linhagem familiar construída através de luta e sofrimento. Tudo se inicia com o tráfico das personagens Ewà Oluwa, Gowon e Akin da África para o Brasil. Conforme narrado em *Água de Barrela*:

As lágrimas dos dois não tiveram tempo de rolar pela face, e os gritos de Ewà Oluwa nem chegaram a ecoar. Foram capturados, amarrados e obrigados a segui-los numa exaustiva jornada. Três dias depois, os fulani os venderam para traficantes do Daomé, que se juntaram com homens que Akin achou 'pelo avesso', pois tinham a pele muito clara e avermelhada. Ele nunca tinha visto brancos e os achou repulsivos. Ele lembrava que seu pai sempre conversava com o senhor Daren sobre isso. (Cruz 2018, p. 23).

Segundo Gonzalez (2020), "há mais de quatrocentos anos, quando se iniciava o processo de escravização no Brasil, começava também a reação dos negros". No romance, observa-se que, apesar da imposição e regras, as personagens formulam estratégias para mudar a realidade em que viviam. O medo é motivo de coragem para seguir em frente. Assim, Ewà Oluwa e Akin passaram cerca de 50 dias no navio negreiro, quando finalmente chegam à costa brasileira, em 1850, desembarcam às margens do engenho chamado Natividade, onde hoje se localiza o estado da Bahia:

Não era comum que uma escrava recém-chegada d'África fosse trabalhar no sobrado, mas a família era imensa, recebia muitos convidados, as três mulheres da cozinha e da arrumação precisavam de mais gente e a sinhá dona Joanna não queria ninguém da senzala dentro de sua casa. A chegada da mocinha veio a calhar (Cruz, 2018, p.30).

O destino histórico definido por Beatriz Nascimento (2021) se materializa neste trecho do romance, em que os personagens perdem seus verdadeiros nomes. A partir desse momento, o trabalho se torna um fardo pesado, pois Helena e Firmino, em solo brasileiro, passam a funcionar como máquinas de produção.

Se a gente dá uma volta pelo tempo da escravidão, pode encontrar muita coisa interessante. Muita coisa que explica essa confusão que o homem branco faz com a gente porque a gente é preto. Pra gente que é preta então nem se fala. Será que as avós da gente, as mucamas, fizeram alguma coisa pra eles tratarem a gente desse jeito?" (Gonzalez, 2020, p.81)

Ao receberem nomes portugueses, um abismo se estabelece na busca por resgatar a memória do seu país, sua cultura, seu Eu. A violência fratura a história e começa uma diáspora. Passam a ser parte de um sistema que usurpa a integridade humana. Torturas físicas e psicológicas. Nada disso é capaz de apagar a memória do que viveram na África.

O título do romance *Água de barrela* faz referência a um alvejante caseiro feito com cinzas e soda cáustica, para fazer relação com a trajetória do trabalho árduo e o esforço das mulheres para sobreviverem diante daquele cenário de represália. Segundo Nascimento (2021), no tempo da escravidão:

Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa-grande (atividade que não se limita somente a sofrer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas também de produtora de alimentos para a escravaria) como também no campo, nas atividades secundárias do corte e do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interna. (Nascimento, 2021, p.56)

Em entrevista sobre a produção de sua obra, Cruz (2018) afirma que ao longo de sua escrita, entendeu que a postura das personagens sintetiza na história um plano de resistência e resiliência, através da relação íntima com a família "poderosa" Natividade. Tiveram acesso a muitos espaços e, a partir disso, pensaram em como poderiam alavancar, lançar para o futuro, um destino diferente para as próximas gerações.

O percurso de escrita, segundo Cruz (2018), foi abrindo feridas para curá-las, passagens dolorosas, mas libertadoras. Afirma que demorou para finalizar a obra, devido à dor que sentia ao ter contato com os documentos, com pessoas arroladas nos inventários



Universidade  
Estadual de Goiás



avaliadas com preços, misturadas com taxas de purgar, taxas de impostos, nicho de santo, eram objetos.

Cruz (2018) fez sua pesquisa *in loco*, utilizando cartas contando a vida das famílias que foram a linha condutora do livro. Estabeleceu profundidade nas relações com seus ascendentes, pois visitou na África, o lugar descrito no romance, o terreiro de Anacleto. "Lugar lindo, fascinante, poderoso", segundo a autora. "O que é do tempo, vai. O que é do espírito, fica."

A questão da religião transpassa por todo o romance, pois o convívio de Damiana (católica) e Umbelina (candomblecista) gera um novo cenário de respeito e de amor entre as personagens, e a partir disso, conseguem estabelecer um elo para que as gerações futuras tenham em suas formações.

## **EMANCIPAÇÃO HISTÓRICA DA MULHER: DA ESCRAVIDÃO À LITERATURA, UMA JORNADA DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO**

A emancipação histórica da mulher é um processo complexo que se desenvolveu ao longo dos séculos, marcado por avanços significativos na luta por igualdade de gênero. Historicamente, as mulheres foram frequentemente confinadas a papéis domésticos e consideradas inferiores aos homens em termos de capacidades e direitos, como evidenciado por muitos relatos históricos.

Araújo (2021), ressalta que ao longo do século XIX, o movimento sufragista ganhou força, buscando o direito das mulheres ao voto e uma maior participação política. A luta pelo sufrágio feminino estava intrinsecamente ligada à ideia de emancipação, pois as mulheres almejavam ter voz e influência nas decisões que moldavam suas vidas e a sociedade como um todo. No século XX, a emancipação da mulher através do trabalho continuou a avançar, especialmente durante as duas guerras mundiais. Com a convocação dos homens para o serviço militar, as mulheres assumiram empregos tradicionalmente masculinos nas fábricas e nas indústrias de armamentos. Araújo (2021), enfatiza que essa experiência de trabalho fora do lar proporcionou às mulheres uma nova perspectiva sobre suas habilidades e capacidades, abrindo caminho para uma maior igualdade de oportunidades.

Durante o século XX, o movimento feminista desempenhou um papel crucial na promoção da emancipação das mulheres. Lutas por igualdade salarial, direitos reprodutivos,



Universidade  
Estadual de Goiás



igualdade de oportunidades de carreira e combate à discriminação de gênero foram alguns dos principais temas abordados pelo movimento. O acesso ao trabalho e a igualdade no ambiente de trabalho foram demandas centrais para as feministas, permitindo às mulheres romperem barreiras e alcançarem níveis mais elevados de autonomia e independência financeira.

Atualmente, é importante ressaltar que a luta pela emancipação da mulher através do trabalho continua, especialmente em regiões onde as desigualdades de gênero persistem e onde a igualdade de oportunidades ainda não é uma realidade plena.

O Censo de 1950 foi o último a nos fornecer dados objetivos, indicadores básicos relativos à educação e aos setores de atividade econômica da mulher negra, o que então se constatava era o seguinte: nível de educação muito baixo (a escolaridade atingindo, no máximo, o segundo ano primário ou o primeiro grau), sendo o analfabetismo o fator dominante (Gonzalez, 2020 p.57)

Gonzalez (2020) destaca a situação específica das mulheres negras no Brasil. Ao revelar dados objetivos sobre a educação e as atividades econômicas das mulheres negras, ela ressalta as complexidades e desafios adicionais enfrentados por esse grupo na busca pela emancipação através do trabalho.

Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram barreiras e preconceitos que limitavam seu acesso à educação formal e ao espaço literário. No entanto, muitas escritoras brasileiras conseguiram superar tais obstáculos e contribuíram para a literatura nacional.

No final do século XIX e início do século XX, algumas mulheres escritoras começaram a ganhar destaque na cena literária brasileira, como Queiroz (1976) e Lispector (1977).

No entanto, foi a partir dos anos 1960 e 1970, com o movimento feminista, que a participação das mulheres na literatura brasileira ganhou maior visibilidade e reconhecimento. Escritoras como Telles (1972), Prado (1976), Piñon (1980), Hilst (1990) e Evaristo (2014) trouxeram perspectivas únicas e abordaram temas importantes como gênero, sexualidade, identidade e desigualdades sociais em suas obras.

Segundo Carneiro (2020), “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão”. (p.58). A experiência de ser negra, mulher e



Universidade  
Estadual de Goiás



escritora no Brasil, é uma jornada desafiadora, porém também enriquecida por força, resiliência e potencial transformador.

Ao longo da história, as escritoras negras desempenham um papel crucial na desconstrução de estereótipos, na visibilidade das experiências das mulheres negras e na promoção da igualdade racial e de gênero. Elas contribuem para ampliar as narrativas literárias, trazendo à tona histórias, perspectivas e vivências frequentemente negligenciadas ou marginalizadas.

No entanto, as oportunidades de publicação, divulgação e reconhecimento muitas vezes são limitadas, resultando em uma menor visibilidade e valorização de suas obras. Além disso, as escritoras negras frequentemente se deparam com estereótipos e preconceitos que dificultam seu acesso a espaços literários tradicionais. Apesar desses desafios, as escritoras negras têm encontrado formas de resistência e superação, construindo redes de apoio e fortalecendo sua presença no cenário literário. Elas desafiam padrões estabelecidos, redefinem narrativas e contribuem para a transformação das representações sociais. Ser negra, mulher e escritora no Brasil envolve uma jornada de enfrentamento, resistência e luta, mas também de expressão, empoderamento e inspiração.

Na obra de Cruz (2018), faz-se necessário registrar o protagonismo feminino definido não somente pela autora, mas em relação às personagens descritas no romance. Traz o olhar feminino diante do processo de colonização no Brasil. O que possibilita a inversão da realidade de supremacia de gênero e relevância das questões masculinas, contrapondo o apagamento histórico do ser feminino na memória do Brasil.

Como já salientamos, a narrativa se inicia com o tráfico das personagens Ewà Oluwa, Gowon e Akin da África para o Brasil:

As lágrimas dos dois não tiveram tempo de rolar pela face, e os gritos de Ewà Oluwa nem chegaram a ecoar. Foram capturados, amarrados e obrigados a segui-los numa exaustiva jornada. Três dias depois, os fulani os venderam para traficantes do Daomé, que se juntaram com homens que Akin achou "pelo avesso", pois tinham a pele muito clara e avermelhada. Ele nunca tinha visto brancos e os achou repulsivos. (Cruz, p.23).

Segundo Gonzales (2020), “há mais de quatrocentos anos, quando se iniciava o processo de escravização no Brasil, começava também a reação dos negros”. No romance, podemos observar que, apesar da imposição severa de milhares de regras, as personagens

formulam inúmeras estratégias para mudar a realidade em que viviam. O medo é motivo de coragem para seguir em frente. Ewà Oluwa e Akin passaram cerca de 50 dias no navio negreiro, quando enfim chegam na costa brasileira, em 1850, desembarcam às margens do engenho chamado Natividade, onde hoje se localiza o estado da Bahia:

a sensação era a de que estavam em um reino estranho a tudo o que podiam imaginar. Ao serem perfilados para a inspeção do feitor-mor, e da senhora dona Joanna da Natividade, Ewà Oluwa, agora chamada Helena, foi imediatamente separada para a casa-grande, e Akin/Firmino, para trabalhar com outros meninos em serviços no engenho. (Cruz, (2018), p.30)

O destino histórico definido por Nascimento (2021) se materializa neste trecho do romance, em que os personagens perdem os seus verdadeiros nomes. A partir desse momento, o trabalho se torna um fardo absurdamente pesado, pois Helena e Firmino, em solo brasileiro, passam a funcionar como máquinas de produção.

Se a gente dá uma volta pelo tempo da escravidão, pode encontrar muita coisa interessante. Muita coisa que explica essa confusão que o homem branco faz com a gente porque a gente é preto. Pra gente que é preta então nem se fala. Será que as avós da gente, as mucamas, fizeram alguma coisa pra eles tratarem a gente desse jeito? (Gonzalez, 2020 p. 81)

Ao receberem nomes portugueses, um abismo se estabelece na busca por resgatar a memória do seu país, sua cultura, seu Eu. Passam a ser parte de um sistema que usurpa a integridade humana, são eternos os dias de sofrimento, mas nada é capaz de apagar a memória do que viveram na África. Cruz (2017), diz que no seu processo de escrita do romance tem a intenção de mostrar as subjetividades e sonhos das personagens. Segundo Beatriz Nascimento (2016), no tempo da escravidão:

Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa-grande (atividade que não se limita somente a sofrer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas também de produtora de alimentos para a escravaria) como também no campo, nas atividades secundárias do corte e do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interna. Isto é, a mulher negra é uma fornecedora de mão de obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro. (Nascimento, 2016, p45)

Cruz (2018) afirma que ao longo de sua escrita, entendeu que a postura das personagens sintetiza na história um plano de resistência e resiliência, através da relação



Universidade  
Estadual de Goiás



íntima com a família “poderosa” Natividade, tiveram acesso a muitos espaços e a partir disso, pensaram em como elas poderiam alavancar, jogar para o futuro, um destino diferente para as próximas gerações.

A questão da religião transpassa por todo o romance pois, o convívio de Damiana (católica) e Umbelina (candomblecista) gera um novo cenário de respeito e de amor entre as personagens e a partir disso, conseguem estabelecer um elo, para que as gerações futuras tenham em suas formações traços de suas raízes que são perpetuadas pelos ritos religiosos.

## **VOZES FEMININAS EM AÇÃO: EMANCIPAÇÃO E RESISTÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA**

A partir dos anos 1960 e 1970, com o movimento feminista, houve uma conscientização maior sobre a importância da voz e das experiências femininas na literatura. Elas trouxeram perspectivas únicas e abordaram temas como gênero, sexualidade, identidade e desigualdades sociais em suas obras.

Apesar dos avanços, ainda persistem desafios, como a representatividade das mulheres em prêmios literários, a publicação de suas obras por editoras de renome e a visibilidade em espaços de destaque no meio literário.

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (CARNEIRO, 2020 p.58).

Ser negra, mulher e escritora no Brasil, segundo Carneiro (2020), é uma experiência multifacetada e desafiadora, mas também repleta de força, resiliência e potencial transformador, segundo Sueli Carneiro. Pois, ao longo da história, as mulheres negras têm enfrentado inúmeras formas de discriminação e opressão, o que torna sua presença e voz na literatura ainda mais significativas.

No entanto, ser negra, mulher e escritora no Brasil, segundo Sueli Carneiro, também implica enfrentar obstáculos e desigualdades estruturais. As oportunidades de publicação, divulgação e reconhecimento muitas vezes são limitadas, resultando em uma menor visibilidade e valorização de suas obras. Além disso, as escritoras negras frequentemente enfrentam estereótipos e preconceitos que dificultam o acesso a espaços literários tradicionais.



Universidade  
Estadual de Goiás



Portanto, de acordo com a pesquisa, ser negra, mulher e escritora no Brasil envolve uma jornada de enfrentamento, resistência e luta, mas também de expressão, empoderamento e inspiração. As escritoras negras têm desempenhado um papel crucial na ampliação da literatura, na valorização das experiências das mulheres negras e na promoção da diversidade e igualdade na literatura brasileira, o que reflete mudanças em todo o cenário político e social na estrutura racista e patriarcal do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens do romance de Cruz (2018) desafiam estereótipos e visões simplistas sobre a mulher negra na história. Elas são retratadas como protagonistas de suas próprias histórias, com agência e capacidade de transformação. Seus desejos, lutas e contribuições são valorizados e apresentados como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa.

Por meio do protagonismo feminino em "Água de Barrela", Eliana Alves Cruz resgata as vozes e experiências das mulheres negras na história do Brasil, destacando sua importância e contribuição para a luta por liberdade e igualdade. O romance não apenas evidencia a resistência individual, mas também a importância da união e da solidariedade entre as mulheres na busca por direitos e reconhecimento. Portanto, o protagonismo feminino encontrado na obra reforça a representatividade e a relevância das mulheres negras na história brasileira, oferecendo uma visão complexa e empoderadora dessas personagens e de suas lutas por justiça social e liberdade.

Evaristo (2014) também ressalta a importância do poder transformador da escrita e da literatura. Onde o texto é capaz de promover mudanças sociais e ampliar a consciência coletiva sobre as experiências das mulheres, especialmente das mulheres negras, em uma sociedade marcada por desigualdades e opressões. Em suma, Conceição Evaristo destaca o valor do seu texto como um espaço de acolhimento e empoderamento para as mulheres. Sua escrita contribui para a construção de um ambiente em que as mulheres se sintam em casa, valorizadas e com suas vozes amplificadas.



Universidade  
Estadual de Goiás



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Evandro Rosa. de. Aspectos teóricos e práticos dos termos interculturalidade e interculturality. **Democratizar (Faetec)**, v. 14, p. 3-12, 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CRUZ, Eliane Alves. **Água de barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CRUZ, Eliane Alves. **O crime do cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro: Editora NAU / PUC Rio, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FUKS, Julián. **Romance: História de uma ideia**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Cultura híbridas – estratégias para sair e entrar na modernidade**. São Paulo: EdUSP, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.

HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019b.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1977.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ Projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: EdUFMG, 2020.



Universidade  
Estadual de Goiás



NASCIMENTO, Beatriz. **O Sortilégio da Cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil.** Organização de Alex Ratts. São Paulo: Editora Summus, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres – construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PIÑON, Nélida. **A república dos sonhos.** São Paulo: Editora Objetiva, 1980.

PRADO, Adélia. **Jardim das delícias.** São Paulo: Editora do Brasil, 1976.